5.
Orações relativas no PB

De acordo com Comrie (1981), há quatro características básicas que podem possibilitar a diferenciação de relativas entre as línguas:

I. A posição que a oração relativa ocupa em relação ao núcleo nominal modificado.

II. As posições sintáticas que podem ser relativizadas.

III. O tipo de marcador relativo.

IV. A forma de expressão do núcleo nominal dentro da oração relativa.

Com relação à primeira das propriedades listadas acima, podem-se distinguir três tipos de relativas: as pós-nominais, em que a relativa está à esquerda do núcleo nominal; as pré-nominais, em que a relativa precede o núcleo; e ainda as do tipo *internal-head*, em que o *filler* ocorre no interior das orações relativas, embora, no caso dessas línguas, exista também um dos outros dois tipos de construção. O português (47a), tal como o inglês, alemão, holandês, francês e outras línguas, apresenta orações do primeiro tipo. Já o mandarim, o coreano e o japonês[24] (47b) são línguas em que o *filler* está à direita da relativa. O coreano e o Seediq (língua da família Austronésia) (47c) são exemplos de línguas que apresentam a possibilidade de o núcleo nominal estar dentro da oração encaixada:

47. a) O garoto$_{\textit{filler}}$ [que João viu __]$_{\text{Rel}}$

b)[John-ga __ mita]$_{\text{Rel}}$ [dansei]$_{\textit{filler}}$

John-NOM saw man

"the guy that John saw"

c) [s-n-malu [sapah]$_{\textit{filler}}$ na tama]$_{\text{Rel}}$

-Perf-build house Erg father

"the house Father built"

Ressalta-se que essas distintas posições ocupadas pela relativa em relação ao núcleo nominal, como visto, são uma propriedade fundamental no

[24] Exemplos do japonês e do Seediq retirados de Lin, 2006, p. 46,47.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

processamento de sentenças, uma vez que provoca diferentes relações lineares e estruturais entre o *filler* e o *gap*, gerando efeito nas relações de dependência entre tais elementos (Lin, 2006).

A segunda propriedade destacada acima considera a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan & Comrie (1977)[25], de acordo com a qual é possível predizer as restrições na possibilidade de relativização de posições gramaticais na formação de orações relativas de uma determinada língua. A hierarquia sugere a seguinte ordem:

sujeito > objeto > objeto indireto > oblíquo > genitivo> comparativo

Considera-se que, caso a língua permita relativizar uma função, vai permitir também relativizar todas as demais que estão à esquerda dessa na hierarquia. Assim, há línguas, como é o caso do português e do inglês, em que é possível relativizar todas as posições sintáticas. Já em outras, como no malagasy, a relativização é restrita somente à função de sujeito (Comrie, 1981).

A terceira característica das relativas apontada por Comrie (1981) refere-se à natureza do marcador de relativas. No PB, dois tipos de marcador de relativas podem ser caracterizados (conforme Tabela 5.1): um de natureza pronominal (que contém traços de natureza semântica e obedece a restrições de animacidade) e outro com características de um complementizador, que sinaliza a presença de uma oração subordinada, tal como o *that* em inglês. Há ainda a possibilidade, no inglês, de um marcador relativo nulo em orações relativas com foco no objeto ou em relativas com complemento de preposição cuja preposição se mantém *in situ*.

[25] A ordem da hierarquia seria determinada por questões de acessibilidade, ou seja, a facilidade ou a dificuldade de se processar um elemento relativizado em tal posição. Assim, uma estrutura de sujeito relativizado seria mais facilmente processada do que uma estrutura contendo objeto relativizado; essa, por sua vez, seria mais fácil do que uma estrutura contendo objeto indireto relativizado e assim por diante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

Tabela 5.1. Distribuição dos marcadores relativos em função do tipo complementizador e pronominal

		Marcador relativo	Núcleo nominal	Exemplo
Tipo	Complementi-zador	que*	+- humano sem restrição de pessoa	Vi o garoto que roubou sua carteira. Emprestei o livro que ainda não havia lido. Eu, que nunca gostei de frutas, hoje sou vegetariano.
		que/quem (precedido de preposição)	restrições de animacidade que: – humano quem: +humano	Comprei o tênis de que precisava para caminhar. O garoto de quem a menina gosta trocou de colégio. Eu, de quem todos reclamavam, estava com razão.
	Pronominal	o qual / a qual/ os quais/ as quais (precedido ou não de preposição)	restrições de gênero, número e pessoa (só 3ª pessoa)	Entrevistei as moças as quais haviam se candidatado à vaga. Não existe time com o qual todos simpatizem.
		cujo/ cuja/ cujos/ cujas	restrições de caso (genitivo), gênero, número e com restrição de pessoa	A árvore cujas folhas estavam secas voltou a florir. A CPI vai ouvir o depoente cujo nome está sob sigilo.
		onde	restrição de caso (locativo)	O apartamento onde moro tem vista para a praia.
		quanto	marcador quantificacional	Ele trouxe todos quanto encontrou.

*Tarallo (1983) e Corrêa (1986) assumem o *que* como marcador de relativa com natureza de complementizador. Já Kato (1993) o classifica como pronome relativo. Uma alternativa é considerar o *que* como pronome com todos os traços subespecificados.

O PB apresenta a possibilidade do *que* complementizador introduzir relativas restritivas e não-restritivas, sendo que os elementos pronominais tendem a introduzir não-restritivas. O complementizador parece ter uso mais generalizado na língua estando as formas pronominais, praticamente, restritas à língua escrita. O complementizador *que* das relativas muitas vezes se confunde com o complementizador *(por) que* (conjunção) das orações adverbiais explicativas, tornando as sentenças ambíguas:

48. a) O menino chamou a irmã *que* não estava com paciência para fazer o trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

b) Aí ela fez o trabalho pra ele.

c) Aí ele fez o trabalho pra ela.

Na sentença acima, pode-se tanto fazer uma leitura de estrutura explicativa, para a qual caberia a interpretação sugerida em (48b), quanto uma leitura de relativa restritiva, para a qual seria possível a compreensão expressa em (48c).

A quarta característica que diferencia as relativas entre as línguas consiste no fato de essas orações também poderem apresentar variação, numa perspectiva interlingüística, no modo como lexicalizam a função do núcleo nominal relativo na oração encaixada. Na abordagem de Comrie (1989), essa questão é colocada como um dos parâmetros mais significantes na variação tipológica, sendo que é possível ter quatro tipos de tal estratégia[26]:

- *non-reduction strategy*: o termo relativizado aparece como um núcleo nominal completo dentro da oração relativa. Comrie (1989; 1998) distingue dois subtipos: *correlative clauses*, em que o núcleo nominal aparece completo na oração relativa e é representado na oração principal por um elemento pronominal ou não-pronominal (i); e *internally headed relative clauses*: em que o núcleo é representado por um constituinte nominal completo na oração relativa e sem uma representação explícita na oração principal (ii):

i) Pirahã (Everett, 1986, p. 276 apud Comrie & Kuteva, 2005)
boitóhoi bog-ái-hiab-i-s-aoaxái
boat come-ATELIC-NEG-EPENTH-?-INTER
boitó báosa xig-i-sai (híx)
boat barge bring-EPENTH-NMLZ (COMP/INTER)
'Might it be that the boat (which) tows barges is not coming?'

ii) Maricopa (Gordon 1986: 255 apud Comrie & Kuteva, 2005)
aany=lyvii=m]iipaa ny-kw-tshqam-sh shmaa-m
yesterday man 1-REL-slap.DIST-SUBJ sleep-REAL
'The man who beat me yesterday is asleep.'

- *pronoun-retention strategy:* a posição relativizada é explicitamente indicada por um pronome resumptivo:

[26] Considera-se que as quatro estratégias referem-se à relativização da posição do sujeito, tendo em vista que há línguas em que posições mais baixas da Hierarquia da Acessibilidade não podem ser relativizadas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

Babungo (Schaub 1985: 34 apud Comrie & Kuteva, 2005)
m`a yè w`c ntdc` eáG Gw`c sdc sàG ghgh
I see.PFV person that who he PST2 beat.PFV you
'I have seen the man who has beaten you.'

- *relative-pronoum strategy*: a posição relativizada é indicada por um elemento pronominal em posição inicial da oração com marcação de caso para indicar o papel do núcleo nominal na relativa:

Alemão (Comrie & Kuteva, 2005)
Der Mann, [der mich begrüßt hat], war ein Deutscher.
man.NOM REL.NOM me greet.PTCP has be 3SG.PST one German
'The man who greeted me was a German.'

- *gap strategy*: não há nenhum núcleo lexical referente ao núcleo nominal no interior da relativa:

Turco (Comrie 1998: 82 apud Comrie & Kuteva, 2005)
[kitab-k al-an] ögmrenci
book-ACC buy-PTCP student
'the student who bought the book'

Acima, os procedimentos de codificação da função do núcleo relativo no interior da encaixada foram apresentados do mais explícito *(non-reduction*) para o menos explícito (*gap*), no qual não há nenhuma representação lexical do núcleo relativo internamente. Uma mesma língua particular pode apresentar mais de um desses tipos de construção relativa, sendo que a distribuição dessas ocorrências não é completamente arbitrária, estando relacionada à Hierarquia de Acessibilidade (Keenan & Comrie, 1977). Segundo a proposta, quanto mais difícil for a relativização de uma posição sintática (no que se refere à Hierarquia de Acesso), mais explícita será a indicação de qual posição está sendo relativizada, a fim de facilitar a recuperação de tal informação. Dessa forma, a tendência seria a relativização com *gap* nas posições mais altas da hierarquia e o uso de pronome ou NP resumptivos nas posições mais baixas.

No caso do PB, Tarallo (1983) identificou três estratégias de relativização: a padrão (49a), na qual a relativa é formada com um pronome/marcador relativo; e dois processos não-padrão, que geram as relativas do tipo resumptiva (ou copiadora) (49b) e cortadora (49c):

49. a) Os garotos *com quem* João gosta de brincar não foram à aula hoje.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

b) Os garotos *que* João gosta de brincar *com eles* não foram à aula hoje.

c) Os garotos *que* João gosta de brincar não foram à aula hoje.

Segundo Tarallo, na estratégia padrão, a oração relativa é encaixada na principal por um pronome/marcador relativo e possui um *gap* na posição do elemento relativizado. Já nas estratégias não-padrão, Tarallo considera que as relativas são introduzidas por um complementizador *que* e possuem, na posição do vestígio, um pronome resumptivo (ou lembrete), que pode ser lexical, como no caso da estratégia resumptiva, ou nulo, como no caso da cortadora, na qual a preposição também é apagada. Neste estudo, considera-se que o marcador relativo *que*, não precedido de preposição, tem natureza de complementizador, independentemente da estratégia de relativização.

Tanto a estratégia padrão (construções que envolvem pronome/marcador relativo e *gap* na posição do elemento relativizado) quanto a do pronome resumptivo (ou lembrete) são comuns em outras línguas românicas. Ademais, segundo Tarallo, não há diferença entre as línguas no que se refere à existência ou não da estratégia resumptiva; a variação ocorre na quantidade e na produtividade dessas estruturas. Já as relativas cortadoras são consideradas como um fenômeno recente e característico do PB, cuja origem Tarallo (1983) relaciona a fatores sintáticos, como o processo de alteração do paradigma pronominal que vem ocorrendo desde meados do século XIX, dentre outros. A relativa cortadora seria decorrente do apagamento primeiro do pronome e depois da preposição na relativa resumptiva. (Tarallo, 1983; Lessa-de-Oliverira, 2006).

Diferentemente da estratégia padrão, cuja formação se dá via movimento do elemento relativizado da posição de base para uma posição A', ambas as estratégias não-padrão seriam, de acordo com entendimento de Tarallo (1983), formadas não por movimento, mas por apagamento do elemento co-referente, em sua posição *in situ*, preenchendo a posição argumental com uma anáfora zero ou nula. No contexto atual, essa análise se aproxima com a proposta de uma análise do tipo *matching*, como em Sauerland (1998), Citko (2001) e Salzmann (2006), ainda que esta considere movimento do pronome relativo.

Kato (1993) oferece uma visão alternativa à de Tarallo (1983) para a análise das estratégias de relativização do PB e propõe uma estratégia única para a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

derivação dos três tipos de relativas da língua, conforme será visto em seção a seguir.

5.1.
Relativas com resumptivo no PB

O PB, diferentemente de outras línguas, é flexível no que diz respeito ao uso do resumptivos, que podem ocorrer em relativas tanto restritivas (50) quanto não-restritivas (51) e em diferentes funções sintáticas das orações - das mais altas (sujeito, objeto direto) às mais baixas (oblíquo, genitivo) na Hierarquia de Acessibilidade:

50. O filme que eu deixei (ele) na sua casa era emprestado.
51. Estes filmes, que você pode alugar (eles) em qualquer locadora, são ótimos para ensinar História Antiga.

No entanto, segundo Tarallo (1983, 1986), as funções sintáticas que mais favorecem o uso de resumptivos são as de genitivo e complemento de preposição. Dados de Mollica (2003), contudo, mostram a posição de sujeito como favorecedora dessa estrutura, como será visto abaixo, em condições em que há muitos elementos intervenientes entre o núcleo nominal e o *gap*. Também são apontados como fatores que beneficiam a ocorrência da estratégia resumptiva: traços semânticos [+ humano], singular, indefinido (para objeto indireto e oblíquo); ramificação da relativa à direita da oração principal (ramificação na posição de objeto); tipo não-restritivo; processamento após uma construção existencial.

Dados de corpora (Tarallo, 1983; Lessa-de-Oliveira, 2006; Silva & Lopes, 2007) revelam que a resumptiva é a estratégia minoritária entre as três estratégias de relativização do PB. Segundo Silva e Lopes (2007), as relativas resumptivas representam cerca de 2% das relativas na soma dos corpora de língua falada e escrita pesquisados[27]. Já as estratégias padrão e cortadora representam, respectivamente, 70% e 27%. Na amostra da língua escrita, houve apenas uma ocorrência da relativa resumptiva, o que, para Mollica (2003) e V. Corrêa (1998),

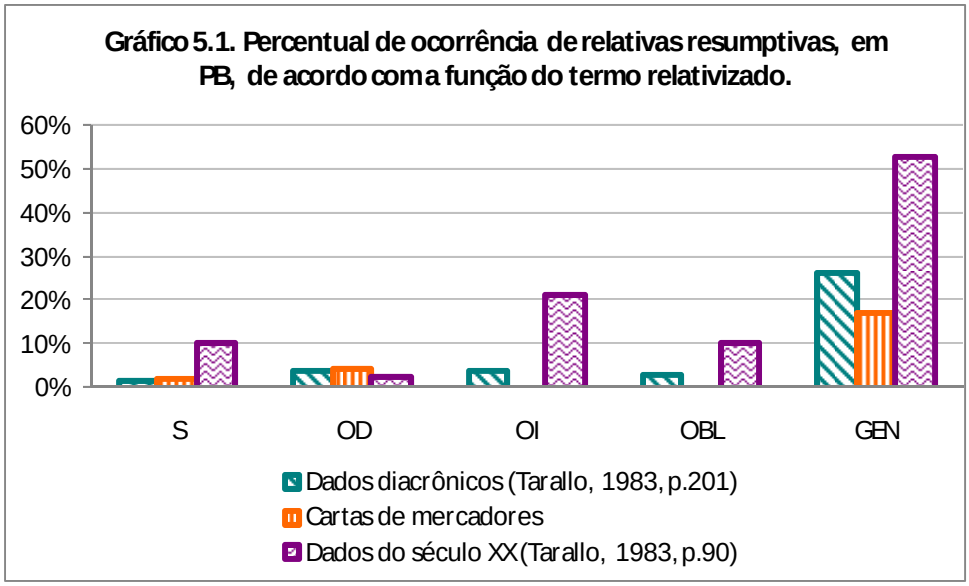
[27] O corpus pesquisado pertence ao acervo "A língua Falada e Escrita da Cidade do Rio de Janeiro", do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFRJ.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

é sinal de que a escola pode estar monitorando com algum sucesso os casos mais estigmatizados dessa construção, contribuindo para a sua redução.

Dados diacrônicos (Tarallo, 1983; Lessa-de-Oliveira, 2006) mostram que, entre o século XVIII e a primeira metade do XIX, houve queda na freqüência das relativas com pronome resumptivo em posição de objeto direto, objeto indireto e oblíquo (de 10% para 1,3%), observando-se, entretanto, aumento no século XX, quando atinge a freqüência de 15,1%.

Lessa-de-Oliveira (2006) analisa essa mudança como influência da alteração do sistema pronominal do PB ocorrida no século XIX, que passou a permitir a presença do pronome tônico (ele/ela) nas posições de objeto indireto e genitivo; funções essas que apresentaram maior índice de aumento de freqüência do século XIX para o século XX. Observa-se no gráfico abaixo a distribuição do resumptivo em função da posição sintática em três momentos históricos:



Fonte: Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2006).

Entre as funções não preposicionadas, nota-se uma inversão entre a posição de sujeito e de objeto direto como posições (des)favorecedoras da ocorrência do pronome. A função de objeto direto foi a única em que houve redução da percentagem de estratégia resumptiva entre os três momentos analisados. Por sua vez, a posição de sujeito torna-se a posição mais propícia para o resumptivo, fenômeno também decorrente de alterações no quadro pronominal do PB no último século, quando a posição de sujeito passa a ser preferencialmente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

preenchida e a de objeto direto tende a ser nula (Galves, 1986, 1989; Duarte, 1995, Mollica, 1989, 1995). No século XX, a posição de sujeito alcança 10,4% e a de objeto direto, apenas 2,6%, enquanto genitivo, objeto indireto e oblíquo, apresentam, respectivamente, 52,9%; 21,1% e 10,4%.

No entanto, a qualificação da posição de sujeito como favorecedora do resumptivo, no século XX, é divergente na literatura. Lessa-de-Oliveira ressalta que o fato de Tarallo (1983) não apontar essa tendência em seu trabalho decorre de questões metodológicas, já que ambos analisam os mesmos dados. Kato e Nunes (2007) argumentam que o pronome na posição de sujeito é aceitável geralmente quando o núcleo nominal da relativa é indefinido. Segundo eles, nos casos em que o núcleo nominal é definido, violam-se as condições para que o resumptivo seja subjacente ao pronome relativo (Kato e Nunes, 2007, p.17):

52. Este é o livro que (*a Maria disse que) ele é muito bom.

Dados de corpora (língua falada) analisados por Mollica (2003) registram a posição de sujeito como favorecedora para a estratégia resumptiva. A autora relata pesquisa em que compara, pelo método *estudo em tempo real*, o emprego de orações relativas no PB em duas épocas: 1980 e 2000[28]. Os resultados indicam que na amostra do ano 2000, a ocorrência do resumptivo concentra-se totalmente na posição de sujeito; já na amostra anterior, distribuía-se pelas posições de sujeito e objeto indireto. Os exemplos transcritos no trabalho permitem comprovar que a relativização dá-se sobre a função de sujeito e não de tópico, como seria possível supor (Mollica 2003, p.130)[29]:

53. a) Ah, eu gostava de uma senhora que *ela* estudava na minha sala.[30]

b) Eu conheço um senhor de oitenta e três anos de idade que *ele* pega onda.

Ao cruzar os dados da função relativizada com a escolaridade, Mollica (2003) ressalta que apenas os falantes com menor grau de escolaridade usaram o resumptivo em sintagmas preposicionados, sendo que os mais escolarizados o utilizaram exclusivamente na posição de sujeito. A autora destaca ainda que para

[28] Para compor a amostra referente ao ano 2000, foram testados alguns dos sujeitos que participaram da pesquisa em 1980. A análise, assim, compara dados produzidos pelos mesmos indivíduos em épocas distintas.
[29] Exemplos da amostra do ano 2000.
[30] Este caso, no entanto, é ambíguo, no que se refere à possibilidade de relativas e orações adverbiais explicativas serem introduzidas pelo complementizador *que*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

os mais escolarizados a ocorrência do resumptivo parece ter uma funcionalidade explícita, já que ocorrem mais em condições de distância e em que o referente relativizado tem traço [+humano], como em: “eu ganhei um cachorro da raça pequenez doentinho da minha professora particular que *ele* não sobreviveu” (Mollica, 2003, p.132).

A comparação entre dados dos dois períodos aponta redução, embora pequena, da estratégia resumptiva nas posições de objeto indireto e adjunto adnominal (genitivo). Não houve nenhum registro de resumptivos em posição de objeto indireto dativo (“Essa é a pessoa que eu mandei a carta a/ para/ pra ela”), salienta a autora.

Os resultados ainda mostram que os resumptivos ocorrem mais quando há elementos intervenientes entre o núcleo nominal e o pronome relativo (54) e nas condições de maior distância entre o *filler* e o *gap*. Mollica (2003) avalia, assim, que a distância é o fator mais atuante[31] e que se relaciona a uma questão de maior clareza comunicativa e também de funcionalidade, já que permite retomar referentes que estão estocados na memória durante a intercomunicação:

54. “A menina de cabelo louro com lacinho vermelho na cabeça que *ela* quebrou a perna ontem”.

Outro fator de interferência é a animacidade, havendo mais relativas com resumptivos nas orações cujos núcleos nominais apresentam traço [+ humano].

Além disso, Mollica (2003) destaca uma tendência, sensível a um maior grau de escolaridade, dos falantes preferirem construções de esquiva (relativas cortadoras, como “esse é o dinheiro que eu preciso”) a outras mais estigmatizadas (com resumptivo em posição preposicionada, como “esse é o dinheiro que eu preciso d*ele*”).

5.1.1.
Sintaxe das relativas resumptivas no PB

Historicamente, a literatura adota para as relativas com resumptivo uma análise em que essas construções não envolvem movimento (Labelle, 1990; McCloskey, 1990; Shlonsky, 1992; Suñer, 1998; Rouveret, 2002; Adger e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

Ramchand, 2004). Mais recentemente, no entanto, têm surgido propostas que consideram a presença de movimento sintático nas relativas com resumptivo (Demirdache, 1991, 1997; Aoun et al., 2001; Boeckx, 2003; Pesetsky, 1998; Grohmann, 2003, Salzman, 2006).

Para o PB, pode-se distinguir basicamente duas propostas: a de Tarallo (1983) – como visto na introdução deste capítulo –, que assume uma derivação com movimento para a relativa padrão e sem movimento para as relativas resumptiva e cortadora; e a de Kato (1993), que unifica o tratamento sintático para as três estratégias de relativização da língua.

A proposta de Kato (1993) considera que as relativas do PB do tipo não-padrão (resumptivas e cortadoras) são formadas a partir da relativização de elementos deslocados à esquerda (*Left Dislocation* - LD), que podem ser retomados internamente por pronomes lexicais (55) ou nulos (56)[32]:

55. a) [esse filme]$_i$, ele$_i$ é muito bem produzido.
    b) [esse filme]$_i$, nós alugamos ele$_i$ ontem.
    c) [esse filme]$_i$, João não gostou dele$_i$.

56. a) [esse filme]$_i$, eu conheci o ator que protagonizou *pro*$_i$
    b) [esse filme]$_i$ eu emprestei para um colega que estava precisando *pro*$_i$

A autora assume que, em todas as três estratégias, o elemento *que* tem natureza de pronome relativo. O que vai, então, diferenciar a estratégia padrão daquelas do tipo não-padrão é a posição de onde o pronome *que* é movido. Se o *que* é gerado em posição argumental e depois é movido para a Spec/CP, a relativa gerada é do tipo padrão (57), sensível a contexto de ilha e com fronteamento de preposição, se envolver complemento de preposição. Se o *que* for gerado na posição de elemento deslocado à esquerda, geram-se relativas não-padrão, com resumptivos lexicais ou nulos, sem efeito de ilha e sem deslocamento da

[31] Observa-se que, como visto no Capítulo 4, Dickey´s (1996) também relaciona o efeito do resumptivo na compreensão ao fator distância.
[32] Tal como observado acima, Kato e Nunes (2007) afirmam que os pronomes resumptivos nulos não ocorrem em relativas com foco no sujeito, apenas nas com foco no objeto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

preposição para a esquerda do pronome relativo, no caso de PPs (58) (Kato e Nunes, 2007):

57. a) [[aquela pessoa]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{IP}$ t$_i$ comprou o livro]]]
    b) [[o livro]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{IP}$ aquela pessoa comprou t$_i$]]]
    c) [[o livro]$_i$ [$_{CP}$ [$_{PP}$ de que$_i$]$_k$ [$_{IP}$ você precisa t$_i$]]]

58. a) Eu tenho [[uma amiga]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ ela$_i$ é muito engraçada]]]]
    b) Este é [[o livro]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ o João sempre cita ele$_i$]]]]
    c) Este é [[o livro]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ você vai precisar dele$_i$ amanhã]]]]
    d) Este é [[o livro]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*$_i$]]]]
    e) Este é [[o livro]$_i$ [$_{CP}$ que$_i$ [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ você estava precisando *pro*$_i$]]]]

Essa sintaxe, para Kato (1993), permite, então, que, nas relativas resumptivas, o pronome relativo *que* seja ligado ao seu vestígio em LD, o qual é co-referente com o pronome resumptivo *ela* no interior de IP. Dessa forma, os pronomes resumptivos são interpretados como variáveis.

Além disso, para Kato (1993), uma vez que a posição em LD é gerada na base e pode ser co-indexada com qualquer posição no interior da relativa, essa seria, então, a posição que permitiria o maior número de possibilidades de relativização e também a que geraria o menor custo derivacional. A autora relaciona ainda a relativização do elemento deslocado à esquerda com o enfraquecimento da marcação morfológica de caso no PB. Para ela, esse enfraquecimento pode impulsionar o uso da relativização da posição em LD, o que gera as relativas com resumptivo, ou o uso produtivo de LD pode reduzir o emprego, nas relativas, de formas marcadas com caso morfológico, como *cujo, dos quais, com as quais*.

Ressalta-se também que sendo o PB uma língua com proeminência de tópico (Pontes, 1987), essa análise de Kato (1993), na medida em que considera a formação de relativas resumptivas pela relativização da posição de LD, permite, ainda, prever a ocorrência da estratégia resumptiva sem, necessariamente, associá-la à estratégia de último recuso.

A proposta mais recente de Kato e Nunes (2007) atualiza a análise de Kato (1993), adotando a abordagem *raising analysis*, de Kayne (1994). Nessa análise, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

marcador relativo *que* é tratado como determinante relativo, sendo o DP nucleado por esse determinante gerado na posição de elemento deslocado à esquerda. Os autores propõem a seguinte derivação para a estratégia resumptiva (Kato e Nunes, 2007, p.18):

59. Estratégia resumptiva:

a) Eu tenho [uma $[_{CP}$ $[_{DP}$ amiga$_i$ $[_{DP}$ que $t_i]]_k$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t_k $[_{IP}$ ela$_i$ é muito engraçada]]]]]

b) Este é [o $[_{CP}$ $[_{DP}$ livro$_i$ $[_{DP}$ que $t_i]]_k$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t_k $[_{IP}$ o João sempre cita ele$_k$]]]]]

c) Este é [o $[_{CP}$ $[_{DP}$ livro$_i$ $[_{DP}$ que $t_i]]_k$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t_k $[_{IP}$ você vai precisar dele$_k$ amanhã]]]]

Pode-se considerar que a solução de Kato e Nunes (2007) de abordar o *que* como determinante com traço de relativo é adequada e torna natural que se tratem complementizador e pronome relativo da mesma forma, o que é interessante do ponto de vista do processamento. Destaca-se, nesse sentido, que, em experimento no PB, as crianças não lidaram de forma diferenciada com os tipos de marcador relativo (Corrêa, 1986).

5.1.2. Resumptivos como último recurso

O emprego de pronomes resumptivos em orações relativas varia entre as línguas. Como visto acima, a distribuição do pronome no PB abrange todas as funções sintáticas e sofre interferência de fatores como distância e encaixamento. No inglês, os resumptivos têm um uso mais restrito: sofrem influência do fator distância (tanto distância linear quanto estrutural – encaixamento) (McKee & McDaniel, 2001) e ocorrem em contextos de ilha, em que o movimento não é permitido, ao contrário do hebraico (Shlonsky, 1992), em que a ocorrência do resumptivo não está associada a efeitos de ilha. Já no árabe palestino, os resumptivos são usados nas construções em que o *gap* é impossível e o *gap* é obrigatório nas posições em que não se aceita o resumptivo, como é o caso da função de sujeito. Já nas relativas de objeto direto, oblíquo e genitivo, além de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

sujeito encaixado, o resumptivo é obrigatório nessa língua (Shlonsky, 1992 *apud* Grolla, 2005a). Por sua vez, o grego permite um uso variável do resumptivo, como em construções com elemento deslocado à esquerda (*Left Dislocation - LD*), segundo Alexopoulou e Keller (2002).

Apesar das diferenças, nessas línguas, o uso de pronomes resumptivos nas construções relativas tem sido analisado - e avaliado de uma forma universal para as línguas - como uma estratégia de último recurso (*Last Resort*), isto é, um mecanismo sintático usado para salvar as derivações que, sem ele, não convergiriam (Shlonsky, 1992; Aoun, Choueiri & Hornstein, 2001, Aoun & Li, 2003).

Para o PB, a análise dos pronomes resumptivos como estratégia de último recurso é feita por Grolla (2005a), com base em dados de produção de adultos e crianças falantes nativas da língua. A proposta assume que resumptivo e movimento (*gap*) não estão em livre alternância; o pronome seria empregado apenas nos casos em que o movimento não é lícito, sendo um recurso sintático para salvar construções que sem o resumptivo ficariam agramaticais, tal como nas orações abaixo, em que o pronome é um complemento preposicional[33]:

60. a) A menina$_i$ que eu falei com *ela*$_i$ ontem.
    b) Que menina$_i$ que você falou com *ela*$_i$ ontem.
    c) Esse livro$_i$, a Maria gostou muito *dele*$_i$.

Grolla (2005a) observa que, em tais sentenças, com a preposição em posição de base, a lacuna não seria possível, visto que o PB não permite preposições órfãs:

61. a)*A menina$_i$ que eu falei com __$_i$ ontem.
    b)*Que menina$_i$ que você falou com __$_i$ ontem.
    c)*Esse livro$_i$, a Maria gostou muito de __$_i$.

Logo, o resumptivo é inserido para salvar essa derivação. Outra opção para isso seria apagar todo o sintagma preposicional (estratégia de relativização cortadora), alternativa que, tal como observado em Mollica (2003), tem se tornado a preferível no português falado do Brasil:

[33] Os exemplos do PB desta seção foram retirados de Grolla (2005a), exceto os referentes a Kato e Nunes (2007).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

62. a) A menina$_i$ que eu falei __$_i$ ontem.

b) Que menina$_i$ que você falou __$_i$ ontem?

c) Esse livro$_i$, a Maria disse que o João gostou muito __$_i$.

Grolla (2005a) recorre ao teste do efeito de ilha para demonstrar que, nesse caso, a lacuna não é decorrente da operação de movimento:

63. Esse livro$_i$, o João conversou com [uma menina que disse que gostou __$_i$]

A autora analisa, então, essa lacuna como um pronome nulo 'especial' (um *pro* $_{especial}$), que não é um vestígio resultante de movimento e que não teria alternância com um pronome resumptivo aberto:

64. *Esse livro$_i$, o João conhece a menina que disse que gostou ele$_i$.

A mesma análise é feita para as relativas com resumptivos em posição de objeto direto:

65. a) A menina$_i$ que eu vi *ela*$_i$ ontem na festa.

b) Que menina$_i$ você viu *ela*$_i$ ontem na festa? (?)

c) Esse professor$_i$, eu já vi *ele*$_i$ na biblioteca várias vezes.

A autora ressalta que, embora possa parecer que lacunas e pronomes resumptivos estejam em livre alternância na posição de objeto direto (o que anularia a hipótese do pronome resumptivo como último recurso), isso não ocorre, já que a lacuna presente nesses casos não corresponde a um vestígio deixado por movimento (e sim a um resumptivo nulo - o *pro*$_{especial}$), conforme demonstram as construções de ilha sintática:

66. a) Esse livro$_i$, eu conheço [uma menina que já leu __$_i$ dez vezes].

b) Esse livro$_i$, eu conheço [uma menina que já leu *ele*$_i$ dez vezes].

c) Que livro$_i$ que você conhece [a menina que já leu __$_i$ dez vezes].

Assim, Grolla (2005a) argumenta que a aparente variação entre lacunas e resumptivos não é uma variação entre movimento/inserção do pronome, mas sim entre pronome resumptivo nulo (*pro*)/pronome resumptivo lexical. A possibilidade de um pronome resumptivo nulo em posição de objeto direto na língua falada é validada pelo uso freqüente, no PB, de pronomes nulos nessa posição.

No entanto, Grolla (2005a) considera que esse quadro não se repete com resumptivo em posição de sujeito, pois nessas construções a lacuna só seria

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

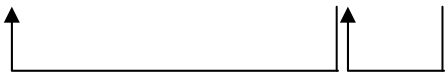
possível quando não estivesse em um contexto de ilha (67a, 68a). Já o resumptivo ocorre tanto fora (67b) quanto dentro de ilha (68b):

67. a) A Maria assistiu o filme$_i$ que a crítica disse que __$_i$ é muito violento.
    b) A Maria assistiu o filme$_i$ que a crítica disse que *ele*$_i$ é muito violento.

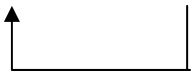
68. a)* Esse menino$_i$, a Maria não conhece [as cidades que __$_i$ visitou].
    b) Esse menino$_i$, a Maria não conhece [as cidades que *ele*$_i$ visitou].

Segundo Grolla (2005a), aqui também não há alternância entre resumptivo e movimento (67). Para justificar isso, ela recorre à análise de Kato (1993), assumindo uma sintaxe em que o resumptivo seria decorrente da relativização da posição de elemento deslocado à esquerda, como visto na seção anterior. Dessa forma, as construções 67a e 67b seriam derivadas diferentemente: a primeira, com lacuna, é derivada por movimento de dentro de IP; já a segunda, com resumptivo, é derivada a partir da posição de elemento deslocado à esquerda (*Left Dislocation - LD*):

69. a) [$_{CP}$ Que menino$_i$ [$_{IP}$ você acha [$_{CP}$ t$_i$ que [$_{IP}$ t$_i$ ganhou o campeonato]]]]



    b) [$_{CP}$ Que menino$_i$ [$_{IP}$ [$_{LD}$ t$_i$] [$_{IP}$ você acha que ele$_i$ ganhou o campeonato]]]



Movimento e resumptivo, então, ocorreriam em estruturas sintáticas distintas, embora superficialmente semelhantes. Kato e Nunes (2007) analisam a questão ressaltando que, embora aparente, a ambigüidade estrutural em relativas com foco no sujeito e no objeto direto não se confirma para as relativas de sujeito. Os exemplos são dos autores (Kato e Nunes, 2007, p.13):

70. a) pessoa que __ comprou o livro
    b) a pessoa que eu vi __

71. a) *[a pessoa]$_i$ que eu li o livro que __$_i$ comprou
    b) [o livro]$_i$ que eu entrevistei a pessoa que escreveu __$_i$

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

Ao se analisar as configurações de ilha (71) e tendo em vista que o PB evita pronomes nulos na posição do sujeito, percebe-se, segundo os autores, que a única estratégia possível nesses casos é a padrão (com lacuna). Já para as relativas com foco no objeto (70b), a ambigüidade estrutural ocorre, visto que o PB permite pronomes nulos em posição de objeto e sem restrição ao contexto de ilha (71b).

De acordo com essa revisão, o uso do resumptivo nas relativas tem sido caracterizado, na literatura, como um mecanismo sintático de último recurso e também como uma derivação mais custosa se comparada com a derivação em que o movimento é lícito (Aoun, Choueiri & Hornstein, 2001; Hornstein, 2001). No entanto, no PB, conforme visto, a presença de pronomes resumptivos pode ser decorrente da estratégia de último recurso ou resultado do emprego da estratégia de relativização não-padrão, a partir da posição de LD.

5.2.
Aquisição de relativas com resumptivos

O interesse pela pesquisa de relativas com resumptivos na produção das crianças teve início em Labelle (1988, 1990, 1996). Em estudo de produção induzida com crianças francesas (entre 3 e 6 anos de idade), ela reporta que 50% das relativas de objeto direto, objeto indireto, locativo e genitivo continham pronomes resumptivos ou NPs resumptivos (sintagmas não pronominais co-referentes com o núcleo da relativa e que ocupam a posição que seria do vestígio ou do pronome resumptivo).

Labelle observou ainda que as crianças formaram relativas de oblíquo sem o fronteamento da preposição (*pied-piping*) - o que é exigido no francês -, usando apenas o marcador relativo *que*, sem a preposição, tal como a estratégia cortadora no PB. Ademais, as crianças também produziram relativas de sujeito com o complementizador *que* e mais o pronome feminino *elle*, quando, no francês adulto, seria empregado o pronome relativo *qui*.

Com base nessas diferenças entre as produções das crianças e o conhecimento dos adultos, Labelle (1990, 1996) argumenta que, embora as crianças já produzam nessa idade construções interrogativas com movimento, as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

primeiras relativas delas não seriam formadas por movimento, o que, então, resultaria no elevado percentual de relativas com estratégia resumptiva.

Já Guasti & Sholonsky (1995) defendem a ocorrência de movimento nas primeiras relativas das crianças, sendo que ocorreria movimento do núcleo nominal e não do operador relativo, uma vez que consideram que as crianças, até os 6 anos de idade, ainda não têm habilidade de lidar com o marcador relativo por questões de maturação. Pérez-Leroux (1993;1995) questiona a hipótese de Labelle (1988, 1990, 1996) e propõe uma abordagem alternativa para as relativas com resumptivo das crianças, com base em variação paramétrica entre línguas. A autora baseia-se em estudos interlingüísticos e, analisando a distribuição e a interpretação de resumptivos em construções que envolvem movimento, sugere que as línguas podem ser divididas em dois tipos: em um deles, os pronomes resumptivos são permitidos apenas em contexto de ilhas e em posições pouco acessíveis (como no inglês); já no outro, os pronomes resumptivos estão em livre alternância com o vestígio (*gap*). Argumenta-se que a diferença entre as línguas seria paramétrica: [± variável], sendo que, no inglês, língua em que o resumptivo também sofre influência do fator distância, o parâmetro seria positivo. Assim, Pérez-Leroux propõe que, como as crianças ainda não têm o parâmetro definido, tendem a aceitar, em julgamento de gramaticalidade, relativas com resumptivo com mais liberdade do que os adultos.

Essas três propostas, no entanto, são criticadas por McKee e McDaniel (2001). Em experimentos de produção induzida e de julgamento de gramaticalidade, testou-se se o desempenho das crianças falantes de inglês em relativas é compatível com o conhecimento dos adultos. Os dados reportados mostram que a produção das crianças assemelha-se à dos adultos e que, para ambos, o fator preponderante para o uso de resumptivos em inglês é a possibilidade de extração.

Outro teste de julgamento de gramaticalidade mostrou que, no inglês, embora os adultos não aceitem o resumptivo em relativas com foco no sujeito, objeto, objeto de preposição e em relativas encaixadas no sujeito, as crianças mostraram uma taxa alta de aceitação dessas estruturas com o pronome. Apesar disso, o desempenho das crianças é semelhante ao dos adultos no que se refere à maior aceitação de construções com *gap* do que com resumptivo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

O mesmo resultado foi encontrado por Grolla (2005b) para o PB. Em teste com 40 crianças falantes nativas dessa língua (3,4 a 6,6 anos de idade) e 33 falantes de inglês (3,7 a 5,11 anos), ela obteve taxa de 58,1% de taxa de aceitação de relativas com pronome resumptivo em posição de sujeito (72), no PB, e 48,9% no inglês, embora, segundo ela, essa construção seja agramatical nas duas línguas.

72. a) *O sapo que *ele* está esquiando está contente.

b) *The frog that *he´*s skating is happy.

Grolla (2005b) argumenta que a inserção do pronome resumptivo é mais custosa que a operação de movimento (73). Assim, por questões de economia derivacional, o resumptivo só seria lícito nos contextos em que o movimento não o fosse, como nos casos de contexto de ilhas (74):

73. a) the frog [$_{CP}$ Op$_i$ that t$_i$ is skating] - Movimento do operador relativo

b) *the frog [$_{CP}$ Op$_i$ that he$_i$ is skating] - Inserção do resumptivo

74. a) * the frog [$_{CP}$ Op$_i$ that the swan laughed [when t$_i$ fell]] - Movimento do operador relativo

b) the frog [$_{CP}$ Op$_i$ that the sawn laughed [when he$_i$ fell]] - Inserção do resumptivo

Entretanto, no caso de duas derivações convergentes, para identificar a mais econômica, é necessário que a criança compare as duas, o que envolve manter o estímulo ativado na memória de trabalho enquanto se faz a comparação das estruturas com e sem resumptivo. Essa tarefa, contudo, parece exceder a capacidade de memória das crianças.

Logo, Grolla (2005b) defende o argumento de que as crianças reconhecem o pronome resumptivo como estratégia de último recurso, porém, no julgamento de gramaticalidade, nas condições de duas derivações convergentes, apresentam desempenho aleatório em virtude de limitações da capacidade de memória de trabalho, que dificulta a comparação das duas derivações sintáticas.

Ademais, Grolla (2005c) também explica a freqüência reduzida das relativas com resumptivo na produção das crianças em relação à taxa de aceitação dessas construções em tarefa de julgamento de sentenças. Segundo a autora, as crianças evitariam as construções com as quais ainda não teriam habilidade de lidar. Cabe ressaltar, no entanto, que demandas de processamento de produção e de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

compreensão são diferenciadas e a baixa freqüência de relativas com resumptivos na produção pode estar relacionada a outros fatores, como o desenvolvimento de habilidades de processamento incremental, maior atenção a demandas discursivas relativas à referência e outros.

Como estratégia minoritária no PB, as relativas com resumptivo são pouco freqüentes na produção das crianças. Perroni (2001) relata, na avaliação da produção duas crianças brasileiras, entre o período dos 2 aos 5 anos de idade, apenas três ocorrências dessa estrutura. Dados de estudo longitudinal de Grolla (2005b) com uma criança brasileira entre 2 e 4 anos de idade indicam apenas seis relativas com resumptivo (todas na posição de oblíquo), o que representa menos de 5% do total de orações relativas produzidas pela criança. Já no inglês, teste de produção induzida (McKee & McDaniel, 2001) mostra que crianças produzem 1% de relativas com resumptivo nas posições de sujeito, objeto direto e oblíquo.

Com relação à aquisição do resumptivo, Grolla (2005a) propõe que o processo se dá em três etapas: num primeiro momento, como nem todas as línguas permitem o uso desses pronomes em dependências A', a criança tem, então, que analisar o *input* para descobrir se tal possibilidade é existente na língua. Dessa forma, na primeira etapa, a criança ainda não produz relativas com o pronome lembrete, restringindo seu uso às construções do tipo padrão, com movimento do DP relativizado para uma posição não-argumental e um vestígio estabelecendo co-referência.

Para as duas próximas etapas, considera-se que a criança já detectou os pronomes resumptivos no seu *input* e, assim, pode já empregá-los, de modo que, a aquisição de pronomes resumptivos abertos (facilmente identificados no *input*) seria anterior à de resumptivos nulos. Assim, a segunda etapa é marcada pelo uso de pronomes resumptivos abertos e somente em contextos em que o movimento do núcleo nominal seria ilícito (como em complementos de preposição e no caso de ilhas). E é só na terceira etapa que os pronomes resumptivos nulos, tal como descritos por Grolla (2005a), passam a aparecer nas relativas da criança. A autora resume as três etapas da seguinte forma:

Ausência de pronomes resumptivos	>	Pronomes resumptivos em contextos inequívocos	>	Pronomes resumptivos em contextos de alternância rente"

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

Os dados de aquisição de Grolla (2005a) identificam, no desenvolvimento de uma criança falante de PB, a primeira etapa com a faixa etária dos 2,0 a 2,10; a segunda etapa, dos 2,11 a 3,4; e a terceira, a partir dos 3,5 anos.

A revisão apresentada aqui caracteriza a inserção do resumptivo em orações relativas no PB como uma estratégia de último recurso, a qual pode gerar dificuldade para crianças em tarefas de julgamento de gramaticalidade e, talvez, compreensão. Essa previsão para a compreensão é compatível com a decorrente do modelo de computação on-line apresentado na seção 4.2, do Capítulo 4. Tendo em vista os resultados controversos no hebraico Arnon (2005) e Botwinik-Rotem (2007) relativos à diferença na compreensão de relativas com e sem resumptivo em posição de objeto direto, torna-se relevante um estudo experimental a fim de avaliar os custos de processamento das relativas com estratégias padrão e resumptiva em crianças adquirindo o PB.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA

5.3. Em síntese

As análises sintáticas minimalistas para a derivação de orações relativas foram consideradas na seção 2.2 do Capítulo 2. Na seção anterior, viu-se que a análise de relativas resumptivas para o PB considera que, em tais construções, relativiza-se a posição de *left-dislocation* (LD).

Tendo em vista tais propostas, pode-se avaliar em que medida seria possível compatibilizar essas análises em um modelo de computação on-line. A análise de Kato e Nunes (2007) assume a proposta *raising* de Kayne (1994). No entanto, tratar as relativas resumptivas como construções envolvendo elemento deslocado à esquerda parece também ser compatível com uma derivação não totalmente planejada, na qual o falante não sabe ainda qual a função sintática do núcleo nominal na relativa, mas sabe que esse entrará em alguma posição da oração subordinada, o que seria compatível com uma análise em que o núcleo nominal seria gerado fora da oração relativa (*matching*), como visto anteriormente.

Já a idéia de último recurso é compatível com uma produção não totalmente planejada. Os resultados de Grolla (2005b,c) com tarefa de julgamento de gramaticalidade seriam compatíveis, por sua vez, com o fato de que, do ponto de

vista da compreensão, a inserção do resumptivo seria mais custosa. Assim, poder-se-ia avaliar o resumptivo como último recurso na produção, mas como uma derivação mais custosa na compreensão.

Ademais, cabe ressaltar que, tendo em vista a caracterização do PB como língua de proeminência de tópico (Pontes, 1987), a proposta de Kato (1993), em que relativas resumptivas são analisadas como construções que relativizam a posição em LD, permite prever a ocorrência de relativas com resumptivo sem necessariamente estarem vinculadas à estratégia de último recurso.

A formalização da computação on-line de relativas tem, então, essas duas opções de análise: a *left-dislocation*, que assume Kayne (1994), e a *matching*. Está fora do escopo deste trabalho, no entanto, propor uma formalização para o modelo de computação on-line, avaliando suas implicações.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610467/CA